

INSTALAÇÃO DA ESCOLA DE AGRONOMIA DA AMAZÔNIA

Discurso pronunciado pelo
Dr. FELISBERTO CAMARGO

Era meu desejo poder contar, para a cerimônia da inauguração das aulas da nova Escola de Agronomia da Amazônia, com a presença do Dr. Heitor Grillo ou do Dr. Waldemar Raythe, fundadores da Universidade Rural do Rio de Janeiro.

Para tanto, solicitei do Sr. Ministro da Agricultura, Dr. João Cleofas, a designação de seu representante para vir, em seu nome, proceder à cerimônia da abertura das aulas.

Era minha esperança que um desses dois técnicos, consagrados como mestres de agricultura, viesse honrar este primeiro dia de vida da nova Escola e trazer, do maior centro de ensino agrícola do país, uma palavra de estímulo à primeira turma de alunos que irá formar a vanguarda da Escola de Agronomia da Amazônia, nos dias de amanhã.

Infelizmente, meu desejo não foi realizado, pois recebi de S. Excia., o Sr. Dr. João Cleofas, por via telegráfica, a incumbência de o representar, e, cumprindo ordens, aqui estou para dizer, em nome do Sr. Ministro da Agricultura, umas palavras sobre a vida desta terra e fazer algumas observações relativamente à situação atual e ao papel que está reservado, no futuro, a esta primeira turma de estudantes de agronomia.

Não somente o Pará, mas toda esta Hiléia viveu, como todos sabem, dias de grande glória.

Há aproximadamente meio século, o Pará e São Paulo, pelos seus homens mais brilhantes, se debatiam em torno da questão de categoria dos portos de **Belém** e **Santos**.

Naquela época o Barão de Marajó, em seu livro "As Províncias do Pará e Amazonas e o Governo Central do Brasil", defendia com paixão e veemência a superioridade econômica do porto de Belém.

Além do grande movimento do porto, esta cidade possuía melhores prédios, palácios mais bonitos do que Rio de Janeiro e São Paulo.

Temos aqui o suntuoso Teatro da Paz.

Aqui encontram-se ricas residências revestidas do mais fino azulejo português.

Em Manaus, foi construído no passado um porto fluvial fluante, que constitui ainda hoje uma das obras de engenharia portuária mais interessantes do mundo.

O teatro de Manaus é outra obra prima da época. Sua riqueza interna é impressionante.

O Amazonas possuiu, no passado, a maior frota fluvial do mundo.

Os Estados do Pará e do Amazonas foram, em outras eras, as unidades da federação que mais contribuíram para o governo da União. Foram os estados mais ricos do país.

O delírio da riqueza, a confiança excessiva na produção extra-tiva, a falta de previdência, a falta de uma escola de agronomia que naquela época tivesse estudado o meio de cultivar a seringueira, de produzir arroz e outras espécies vegetais em larga escala, trouxeram como consequência as dificuldades que a Amazônia vem enfrentando há cerca de 20 anos, numa crise crescente que parece incontrolável.

Há trechos da história que dispensam recordação.

Por que o Brasil está hoje importando borracha do Oriente?

Porque nunca se formou na massa do povo desta terra a mentalidade do agricultor. Porque nunca se criou nesta terra uma escola superior de agricultura.

O **Café**, que fez a riqueza de São Paulo, entrou no Brasil pelo Pará.

O **cacau**, que era e é planta paraense, foi construir a riqueza de Ilhéus, na Bahia.

A própria cana de açúcar, que Pedro Teixeira encontrou nas margens do Amazonas quando subiu o rio para garantir a nossa soberania nestes 4 milhões de quilômetros quadrados, só criou riquezas em Pernambuco, no Estado do Rio e em São Paulo.

A desgraça econômica que caiu sobre esta terra foi única e exclusivamente resultado do menosprezo à agricultura e à pecuária.

Que obra admirável realizaram os jesuítas, formando os ricos rebanhos de Marajó e os engenhos de cana de açúcar do passado!

Os jesuítas foram, com sua grande sabedoria, os primeiros mestres de agricultura no Vale amazônico. Se não tivessem sido expulsos, certamente os destinos da região seriam bem diferentes e a Amazônia estaria com certeza exportando carne, cacau, borracha e até as famosas especiarias, entre as quais se destaca a pimenta chamada do reino.

Como cultura agrícola semi-selvagem temos na região apenas a da juta, cuja introdução devemos ao colôno japonês, e que hoje constitue trabalho dos caboclos de beira rio.

Graças aos caboclos que vivem à margem dos rios e aos caboclos da região bragantina, a Amazônia já exporta dois terços das necessidades brasileiras de fibras para sacaria.

Um hectare plantado com pimenta do reino, que comporta mil plantas, produz hoje em bruto mais de cem mil cruzeiros por safra.

O arroz produz, nas terras de várzeas do Instituto Agronômico do Norte, quatro toneladas por hectare.

E verdade que, de um modo geral, as terras firmes da Amazônia são muito pobres, e os agricultores que se aventuraram a cultivá-las, fracassaram.

As terras mais interessantes, de maior valor agrícola, todavia, não foram ainda tocadas pelas pontas dos dedos do agricultor.

O juteiro é hoje o único homem que conhece a terra que lhe convém.

Aqui, nos arredores de Belém, ao sul de Marajó, temos a melhor zona e o melhor tipo de terra para cultura da seringueira, e homens da borracha vivem espalhados numa área imensa, longe da civilização e dos recursos necessários à vida humana.

E como se encontram essas terras? Abandonadas ao "Deus dará"!

E em que estado se acham as várzeas do baixo Amazonas?

Completamente abandonadas, salvo nos pequenos trechos trabalhados pelos juteiros dispersos na imensidão dos tesos!

Essas várzeas do baixo Amazonas representam uma riqueza incalculável, cuja conquista para a agricultura é uma operação facilíssima e até empolgante.

Na Sub-Estação Experimental de Cacau Grande, o Instituto Agronômico do Norte abriu, em três meses de trabalho, um canal com 20 metros de largura por dois de profundidade, por onde 6 milhões e meio de toneladas de água lodosa do Rio Amazonas passam para dentro do lago do Maicuru, para depositar junto ao arroz bravo, às canaranas e a pomonga, cerca de 1.600 toneladas de sedimento sólido por dia.

Com êsse primeiro canal, com êsse primeiro passo dado pelo Ministério da Agricultura, estamos construindo terra agrícola para o dia de amanhã e poupamos, dos 3 milhões de toneladas métricas que o Rio Amazonas rouba desta terra por dia, uma média de 1.600 toneladas.

Tudo isto pôde parecer fantasia aos cegos que não querem ver; mas na verdade, vos digo, a Amazônia não é o inferno verde e não é também uma terra sem valor agrícola.

O que é necessário é conhecê-la, para saber aproveitá-la devidamente.

Faltavam todavia, na Amazônia, duas escolas: uma que tratasse de aprender, de estudar os problemas; e outra para divulgação dos ensinamentos colhidos na primeira.

Instalada que foi a primeira destas escolas há cerca de 10 anos, com a criação do Instituto Agronômico do Norte, hoje abrimos as portas da segunda.

Hoje abrimos as portas da Escola de Agronomia da Amazônia, anexa ao Instituto Agronômico do Norte, para formação de uma elite agronômica que em breve partirá, leva por leva, para recuperar as riquezas do tempo passado.

Caberá aos futuros agrônomo desta escola a tarefa importantíssima da Valorização Econômica da Amazônia.

Todo o futuro da região está nas mãos dos estudantes que passarem por esta Escola, simplesmente porque o futuro da Amazônia, depende, mais do que tudo, do desenvolvimento de riquezas agrícolas.

As provas de habilitação para este primeiro ano foram retardadas em vista das dificuldades que enfrentamos para dar início ao curso no corrente ano. Foi esta turma de estudantes de Belém a última a prestar exames e ingressar num curso superior em 1951.

Desejo, em nome do Sr. Ministro da Agricultura, Dr. João Cleophas, concitar este grupo de estudantes a tomar a sério os deveres escolares para, ao completar o curso, serem os primeiros valores do Vale, na profissão que abraçaram.

A Amazônia inteira, hoje reduzida à pobreza, necessita do trabalho dos rapazes aqui presentes, no dia de amanhã.

O agrônomo é indispensável no trabalho de drenagem dos igapós, nas obras de colmatagem, nas culturas feitas em terra lamacenta mas boa, nos campos zelando pelos rebanhos, nas Prefeituras Municipais, nos serviços de Fomento Agrícola, nos laboratórios de pesquisas, na imprensa, nas Assembléias dos Estados e por toda a parte onde for preciso fazer vibrar a energia do homem para criação de novas riquezas que tragam à Amazônia a opulência de seu passado e, se for possível, a sua antiga situação de região líder na economia da Nação.

Em nome do Sr. Ministro da Agricultura, Sr. João Cleophas, que autorizou o funcionamento desta escola em 1951, peço aos alunos presentes uma dedicação integral aos estudos durante todo o curso, sem esmorecimento, sem quebra de esforço e de interesse, para que no futuro, possam levar avante a obra que o Ministério da Agricultura aqui veio realizar.

Os holandeses se orgulham de que **Deus fez o mundo e os holandeses, a Holanda.**

Que os alunos da nova Escola de Agronomia possam também ufanar-se um dia de estar construindo nos igapós e nas várzeas em formação da Amazônia, um mundo novo para matar a fome do velho mundo.

São estas as palavras que dirijo aos alunos da Escola de Agronomia da Amazônia, em nome do Sr. Dr. João Cleophas, D. D. Ministro da Agricultura.

Para concluir, desejo solicitar que todos os presentes permaneçam em né pelo espaço de alguns segundos, em sinal de agradecimento ao Sr. Presidente da República pelo ato da abertura das aulas da Escola de Agronomia da Amazônia.

* * *

VICTOR C. PORTELA

REPRESENTAÇÕES — SEGUROS — CONTA PRÓPRIA

PRAÇA VISCONDE DO RIO BRANCO N. 46

Belém—Pará

Máquinas de escrever e somar "UNDERWOOD", máquinas de calcular "FRIDEN", Duplicadores "GESTETNER".

MÓVEIS DE AÇO: Carteiras, mesas, armários, estantes envidraçadas, guarda-roupas, arquivos, fichários, caixas para contas correntes, caixas para dinheiro, cofres de pé, cofres para cima de mesa, cofres de embutir, etc..

ARMAÇÕES DE AÇO "BERGOM"